

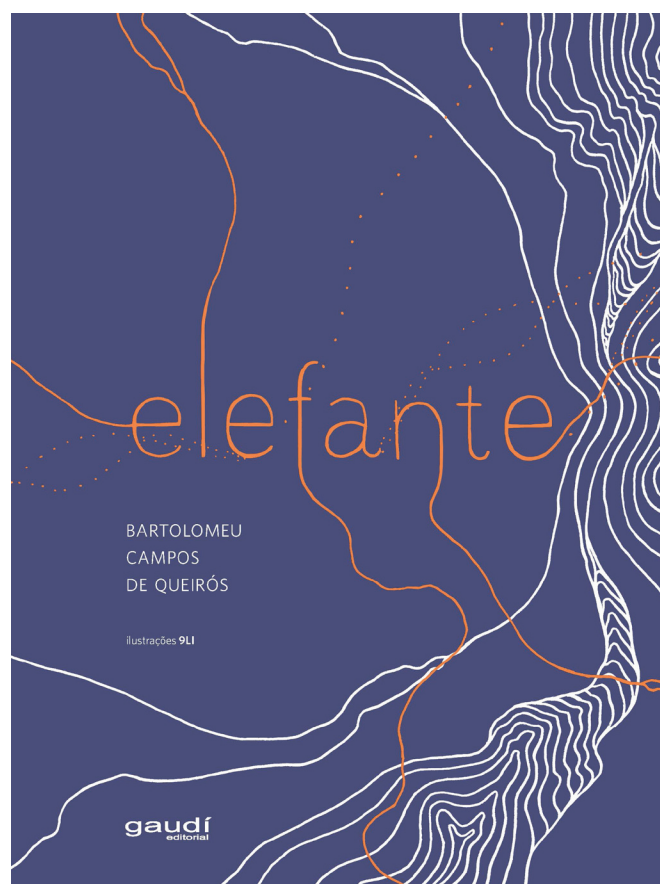
# MANUAL DO PROFESSOR

## Elefante

**Bartolomeu Campos  
de Queirós**  
Ilustrações 9LI

**Categoria 1**  
**6º e 7º anos do Ensino Fundamental**

**Tema:** Autoconhecimento, sentimentos  
e emoções  
**Gênero literário:** Conto



Elaboração

**Geruza Zelnys**

Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP)

Mestre em Literatura e Crítica Literária (PUC-SP)

Professora em cursos de pós-graduação e formação de educadores

Escritora e poeta

**gaudí**  
editorial

# INFORMAÇÕES PARA ABORDAGEM DA OBRA LITERÁRIA

## Contextualização: autor e obra

Bartolomeu Campos de Queirós (1940-2012), carinhosamente chamado de Bartô pelos companheiros de vida e de literatura, foi um escritor de profundo reconhecimento, especialmente na literatura infantojuvenil. Em 1971, publicou seu primeiro livro, *O peixe e o pássaro*, mas foi na década de 1980, quando o Brasil viveu um expressivo momento da literatura infantil, que suas publicações se avolumaram e o autor passou a receber os maiores prêmios nacionais e internacionais, como o Jabuti, Academia Brasileira de Letras, Associação Paulista de Críticos de Arte, Nestlé de Literatura, Rosa Blanca (Cuba), Quatrième Octogonal (França), entre outros.

O autor, com mais de sessenta obras publicadas, com traduções para o inglês, espanhol e dinamarquês, dizia que “A literatura é feita de fantasia. Tudo o que penso, posso escrever. Nada é interdito, tudo posso dizer, desde que com uma forma elegante, bem organizada. Posso até dizer ‘os livros’, ‘os peixes nada’. Posso até dizer, mas propositadamente, conhecendo uma gramática profundamente. Aí, posso dizer qualquer coisa que quero. Só rompemos quando dominamos. Caso contrário não há rompimento. É preciso uma tradição para romper. A literatura é essa coisa exagerada de fantasia. A gente só fantasia o que não temos. Não fantasiamos o que temos. Então, a literatura é feita de falta. O que escrevo é o que me falta. É isso que a literatura faz. A literatura é o lugar da falta” (DOSSIÊ, 2012, p. 17).

Leitor de Monteiro Lobato, Cecília Meireles (que sabia de cor), García Lorca, Manuel Bandeira, Carlos Drummond e muitos outros, Bartolomeu hoje é uma importante influência para os novos autores. Mas, apesar de sua forte atuação na literatura infantil contemporânea, Bartolomeu não escreve para nenhuma faixa etária específica: por detrás das metáforas de seus textos emerge como temática a poesia das experiências humanas, ou seja, tratam-se de temas universais atravessados por uma subjetividade delicada e sentimental. Para Frei Betto (SERRA, p. 13), amigo homenageado na dedicatória do livro *Menino de Belém* (2003), Bartolomeu “Era um mago da palavra. Não fazia poesia, não escrevia prosa – criava poesia. Sua prosa é arrebatadoramente poética”.

*Elefante* é um livro especial: enviado à editora poucos dias antes da morte do autor, é sua publicação póstuma e condensa a força de uma obra definitiva. Mesclando sono e realidade, o narrador toma o leitor e o traz para dentro de seu sonho, em que um elefantinho domina toda a cena com sua delicada estranheza. Dentro dessa nova lógica onírica, participamos de uma conversa entre o narrador e o elefante que nos transporta para nossas próprias relações com os seres que amamos.

O texto recebe ilustrações belíssimas de Bruno Novelli, ou 9LI, como assina seus trabalhos. Gaúcho residente em São Paulo, é um artista emergente cuja obra flerta com a cultura *pop* e os filmes de ficção científica. Animais aparecem como tema recorrente em suas pinturas e, em *Elefante*, especificamente, as linhas parecem remeter à tão humana busca que nunca finda e nos leva a cruzar com outras e outras linhas, infinitamente.

*Para saber mais*

Site do ilustrador Bruno Novelli – disponível em: <<http://www.bruno9li.com/>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

## Motivação para a leitura

*Elefante* é um livro cuja leitura é transformadora. Não dá para entrarmos nesse sonho e não saímos mais sensíveis e reflexivos. Seja pela poeticidade do texto, pelo discurso complementar das ilustrações ou pela temática universal sobre as relações humanas, este livro proporciona uma experiência estética das mais catárticas.

Indiscutivelmente, trata-se de uma obra que estimula a inteligência leitora à medida que requer o mergulho na fantasia associado a duas linguagens ocorrendo simultaneamente – verbal e visual – e que se emaranham no livro. As ilustrações de Bruno 9LI apreendem a atmosfera onírica e os elementos surreais de uma narrativa que se elabora durante o estado de vigília do sono e o sonho propriamente dito, construindo um efeito de continuidade temporal devido às linhas que se multiplicam na ilustração. Essas linhas, que são a continuidade das linhas da mão, provocam um movimento incessante que cria atritos com o desejo do narrador, que é o de parar o tempo e não dormir, ou melhor, não deixar o sonho acabar. Assim, o imbricamento dessas duas narrativas requer um leitor habilidoso e não estático, pois, se acaso ficar apenas no texto verbal ou visual, perderá muitas possibilidades de sentido. Em vista disso, é no complexo processo de deslocar-se entre uma linguagem e outra e sintetizá-las pelo ato interpretativo que acontece o desenvolvimento da proficiência leitora.

Ademais, é preciso estranhar esse pequeno intruso: por que um elefante e não um jacaré? Ou um pássaro, já que assim inicia o livro: “No sonho, a liberdade voa com mais asas”. Somente adentrando na simbologia dessas imagens, retirando o véu das metáforas utilizadas pelo autor nessa prosa poética, e refletindo sobre o processo de construção da narrativa, o leitor será afetado pelo texto e experimentará as emoções e sentimentos vivenciados pelo personagem sonhador.

É importante dizer que *Elefante* não tem nenhum tom moralizante. Muito pelo contrário, mesmo destinado ao público jovem, o livro trata o tema do amor com toda doçura e amargor que ele representa. Talvez mais do que o amor, o livro aborda a relação com o outro e suas próprias expectativas, ou seja, os sonhos que não são os mesmos que sonhamos. Em entrevista, sobre essa questão, Bartolomeu (SERRA, 2012, p. 6) se manifestou: “O assombro que eu tenho diante do outro é de poder conviver com a diferença. Precisamos nos manter abertos para estar com o outro dentro do desejo dele. Às vezes, nos apaixonamos pela própria fantasia que criamos do outro. Isso é uma coisa assombrosa. O grande exercício humano é nos apaixonarmos pelo outro como ele é, na realidade, e não pelo outro que cumpre o nosso desejo”.

Com base nisso, *Elefante* possui os requisitos de uma obra comprometida com a beleza e a profundidade: estimular a reflexão e promover diferentes afetos em diferentes leitores, de modo a garantir a competência específica 9 de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, inscrita na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (p. 85), a qual destacamos no final deste Manual.

## **Justificativa: obra, categoria, tema e gênero**

A leitura do livro *Elefante* justifica-se pela necessidade de espaços de fruição para o jovem leitor, que, cada vez mais cooptado pelos computadores, *videogames* e TV, se afasta dos livros. Isso acontece pela aparente associação que eles fazem entre o livro e o seu sentido utilitário restrito aos conhecimentos e conteúdos escolares.

Quando um livro se propõe a levar o jovem leitor ao desconhecido a fim de explorar seus segredos e vivenciar experiências que efetivamente o sensibilizem para a vida, esse livro precisa ser levado aos bancos escolares. *Elefante* é esse livro: de tessitura lúdica, ele é altamente indicado para os alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, pois à brevidade do texto soma-se sua profundidade. Assim, a extensão e a estética do livro propiciam um mergulho profundo, porém somente o suficiente para não se tornar cansativo a esse público leitor.

Os temas presentes no livro estão em consonância com essa fase da vida, na qual os sentimentos e as emoções são abundantes e contraditórios. A leitura de um livro que remete a questões tão próximas como o amor e as relações entre indivíduos diferentes pode promover o autoconhecimento, além da autonomia e emancipação para a vida.

Ademais, o gênero conto propicia esse tipo de encontro breve, porém intenso com o leitor. Edgar Allan Poe, em seu famoso ensaio *A filosofia da composição* (POE, 1986), explica que a arte do contista é dosar unidade, brevidade e intensidade, ou seja, nada que distraia o leitor do essencial. E o que é o essencial num conto? A surpresa de um acontecimento que se abre, de repente, como uma janela para o acontecimento da vida real. Isso é o que diz Julio Cortázar (2008, p. 157), outro grande contista e teórico do gênero, que emenda: a “intensidade num conto consiste na eliminação de todas as ideias ou situações intermédias, de todos os recheios ou fases de transição que o romance permite e mesmo exige”.

Assim, diferente do romance, no conto não há espaço para excessos, nem pormenores; há tensão e clímax. Por isso, o gênero é tão recomendado para esses jovens alunos, cuja relação com o tempo e a concentração não é tão evidente. Basta um texto se alongar um pouco mais e eles perdem o interesse. Isso não significa que romances não devem ser lidos nesses anos do Ensino Fundamental, muito pelo contrário, devem ser lidos até como antídoto contra esse tempo do instantâneo ao qual estão submetidos. No entanto, para esse tipo de leitura estendida, o bom conto – aquele que consegue prender a atenção do aluno – é um trampolim.

*Elefante* é uma leitura que se justifica, portanto, pela obra em si, que contém todos os temas principais para serem trabalhados junto com os jovens do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, e num gênero privilegiado, pois com uma estrutura com conflito, início, meio e fim. Além do mais, esse é um conto contemporâneo, ou seja, tem uma estrutura tradicional, porém, a ela soma-se o recurso da prosa poética, que o abre em múltiplas significações. Sendo assim, *Elefante* é um texto que auxilia os leitores quanto a diferentes competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental da BNCC (p. 85), entre elas a de número 1, destacada ao final deste Manual.

## **Subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes**

Por se tratar de um texto breve e altamente poético, o ideal é que seja feita a leitura compartilhada com o professor para que os elementos essenciais desta narrativa sejam expostos e analisados junto com os alunos. Somente assim, eles poderão aproveitar ao máximo os conhecimentos veiculados nas páginas deste livro em que o narrador – que sabe estar sonhando – conta seu sonho ao leitor: “Ele entrou no meu sonho, sem licença. Chegou pequenininho como se fosse filho da insignificância. Seu andar perdido, pisando dúvidas, parecia transportar o passado em suas costas. Não se desfaz da carga do passado. Ele sabia que o futuro é só matéria de fantasia”.

O estranhamento acontece quando esse visitante inesperado surge como se brotasse na palma de sua mão: um elefante pequenino que contraria justamente sua principal característica: a de ser um animal de grande porte. Eles ficam muito próximos e inevitavelmente o narrador passa a amá-lo. E, por amá-lo, passa também a desejá-lo apenas para si, protegido pela sua mão. Mas os sonhos do elefantinho não são os mesmos sonhos do narrador: enquanto o narrador sonha com o elefante, os sonhos do elefante são segredos que, mantidos, farão com que cresça. Mas se ele crescer, sua mão será insuficiente para contê-lo.

Nota-se que o conto é altamente imagético, isso porque escrito em prosa poética. Vale a pena explicar aos alunos que “a prosa poética costuma recorrer a figuras típicas da poesia, como a aliteração, a metáfora, a elipse, a sonoridade das frases etc. Contudo, o emprego desses elementos subordina-se ao ritmo mais alongado do discurso, voltado para ser, ao final das contas, uma boa prosa” (PAIXÃO, 2013, p. 152). Assim, é imprescindível retirar o véu que cobre essas metáforas, em especial a figura do elefantinho.

Mas esse é sem dúvida um trabalho que deve ser feito numa segunda leitura. O ideal é que, primeiro, o professor leia o texto todo para os alunos com uma entonação adequada para prendê-los aos fios de palavras enquanto os alunos acompanham lendo conjuntamente texto e imagem. Ao final, o professor pode estimular uma conversa a partir

das perguntas: o que vocês sentiram durante a leitura? Vocês acreditam nessa história? Já ouviram algo parecido? Vocês sentem necessidade de ler a história novamente?

De antemão sabemos que o conto precisará ser lido mais de uma vez para que eles entendam que o elefante está no lugar do amor, ou de uma pessoa amada. Mas, para chegar a isso, é preciso perscrutar se eles conhecem a simbologia desse animal, que, na Índia e no Tibete, é venerado e considerado o “suporte do mundo”. Por isso, o narrador diz: “parecia transportar o passado em suas costas”. Os indianos acreditam que o universo des-cansa no lombo do elefante. Em outros lugares, como na África, o elefante simboliza força, prosperidade, longevidade e sabedoria (lembre-se da expressão “memória de elefante”), além de ter acentos sexuais devido à tromba, que, paradoxalmente, torna-o símbolo de castidade. Esses aspectos fazem do elefante um animal sagrado e dos mais especiais, assim como o amor é considerado o mais alto dos sentimentos.

Essas informações são importantes na medida em que ajudam a construir a ideia desse bem precioso que o narrador tem em suas mãos e que, se dormir, poderá perder. Mas, como dormir, se ele já está inclusive sonhando? Porque, aqui, a imagem de sonho está ligada ao desejo e à boa sorte das linhas do destino: “Ele me parecia fatigado e se acomodou entre as linhas que escreviam meu destino, na palma da minha mão”.

Se é importante dar destaque para o gênero conto e suas especificidades, como uma narrativa curta com narrador, personagem, tempo e espaço, mais importante ainda é mostrar como essas categorias ficam fluidas quando tudo se passa dentro de um sonho. Nessa atmosfera, tempo e espaço se confundem assim como narrador e personagem, uma vez que o último é uma imagem produzida para ficar no lugar de um desejo.

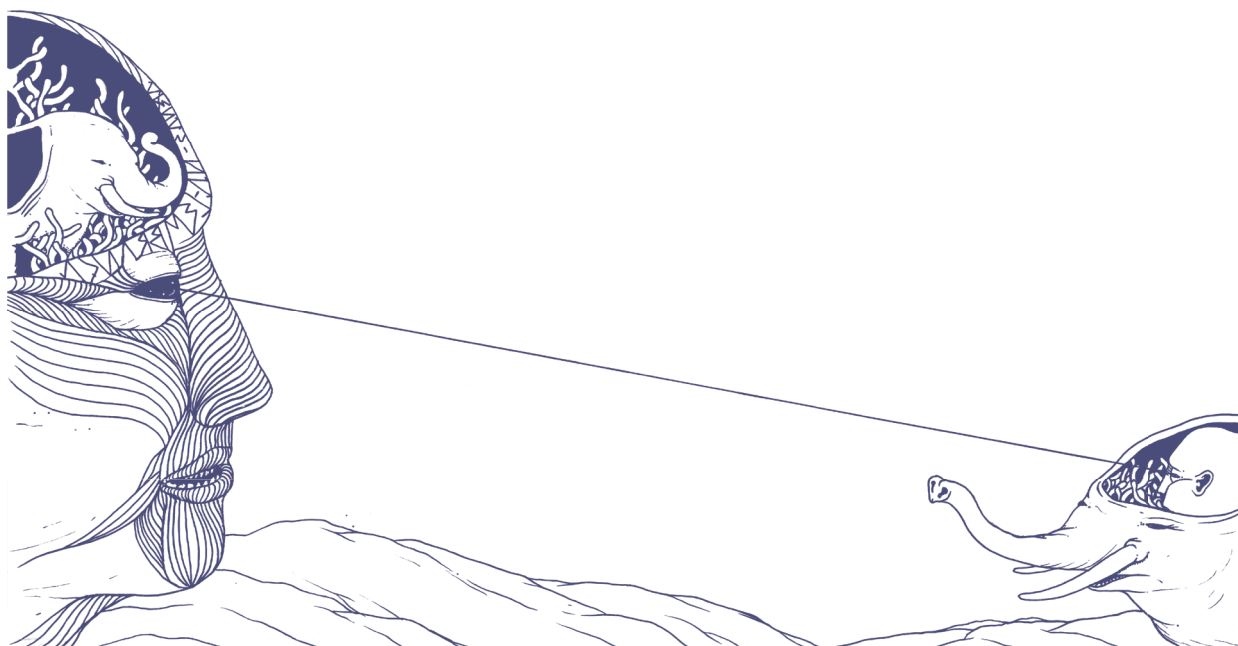
Para Garcia-Roza (2004, p. 63), o conteúdo de um sonho deriva da experiência, porém esse material factual não é imediatamente acessível, porque o sonho é “uma forma disfarçada de realização dos desejos e nessa medida incide sobre ele uma censura cujo efeito é deformação onírica. O sonho que recordamos e relatamos ao intérprete foi submetido a uma deformação cujo objetivo é proteger o sujeito do caráter ameaçador dos seus desejos”. E, assim, percebemos que o amor não tem apenas um lado, mas é multifacetado e esconde, também, sua face negativa: o ciúme, o egoísmo, a insegurança. Mas, na sua face positiva, o narrador tenta não tolher a liberdade do elefantinho: “Prendi a respiração para não sufocar tamanha delicadeza”.

É importante mostrar como a ilustração predominantemente feita com o uso de linhas que se multiplicam em dois tons – azul e laranja – também remete a esse diálogo entre o sonhador e a criatura de seu sonho, aos sonhos que se duplicam em outros, à fluidez, à continuidade e à dispersão das entidades narrativas, ao avanço do tempo da história que caminha para o inevitável fim: “Há dias que não quero deixar a cama. A vontade é de puxar os lençóis, mergulhar na espuma branca dos panos e adentrar em mais oceanos”.

Ajudar os alunos nessa interpretação é, como fazemos com nossos sonhos, também um ato de criação, pois, segundo Garcia-Roza (2004, p. 63), “a função da interpretação

é exatamente a de produzir a inteligibilidade desse sentido oculto”. No entanto, é fundamental deixar que os alunos sigam seus próprios *insights* e é muito provável que eles encontrem novos sentidos para esse sonho e esse elefantinho. Afinal, é função da escola permitir-lhes sonhar.

Como já disse Bartolomeu: “O que a escola pretende é menos do que a arte possibilita. A escola empobrece a literatura quando interrompe o voo permitido por ela [...] O que mais nos derruba é que o resultado desse voo interrompido não acontece amanhã nem imediatamente, ele acontece muitos anos depois. Se hoje você comete uma injustiça com alguma criança, isso não vai aparecer daqui a uma semana, mas sim uma geração depois. Nesse sentido, o que mais me apavora na escola é o exercício que se tem de igualar todo mundo, de exigir de todo mundo a mesma resposta, e de ter um conceito para todas as crianças”. Esse é o objetivo desta atividade: apresentar o conceito de liberdade por meio de uma prática de leitura livre, contemplando as habilidades EF69LP44 e EF69LP47 da BNCC – consulte-as ao final deste Manual.



# ORIENTAÇÕES PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

## Atividade de pré-leitura

A fim de sensibilizar os alunos para a leitura do livro *Elefante*, propõe-se uma roda de conversa na qual o professor irá estimulá-los a pensar sobre seus sonhos. A ideia é provocá-los com as perguntas que podem estar escritas na lousa: qual é o seu sonho? Qual é o tamanho do seu sonho? Onde você guarda o seu sonho? Com o que você sonha? O que sonha o seu sonho? Além de outras que possibilitem jogos de linguagem e, com isso, respostas livres.

Depois de uma ampla conversa, na qual os alunos vão falar de seus sonhos de futuro e também dos sonhos que ocorrem ao dormir, faça a pergunta: o seu sonho cabe no seu destino? Essa pergunta vai provocar respostas variadas, mas o professor deve orientá-las no sentido de chegar à ideia de destino associado às palmas das mãos, tema que está presente ao longo da obra. Vale lembrar a quiromancia, leitura das mãos com propósitos divinatórios, e se for do interesse do professor, pode-se levar um mapa das linhas das mãos – há muitos deles na internet – para fazer uma leitura divertida.

Então deve-se colocar uma nova questão: você acredita que seu destino está nas suas mãos? Note que essas perguntas são ambíguas e esse é o objetivo principal dessa atividade, pois ela precisa estimular a liberdade de expressão. As respostas devem ser orientadas no sentido de que são as mãos que criam e que trabalham construindo e dando forma ao destino que desejamos.

A partir disso, o professor deve expandir essa ideia para pensar que, não só as mãos, mas nosso corpo, é o guardião do nosso destino. Mas que, sim, as mãos podem conter todo o corpo se tomarmos como base a reflexologia, medicina alternativa que estimula partes do corpo aplicando pressão em pontos específicos nas mãos e nos pés. Essa terapia utiliza o polegar, dedos e mãos segundo técnicas específicas com a finalidade de equilibrar o organismo e estimular processos curativos naturais.

Projete na lousa o mapa das mãos com esses pontos assinalados, facilmente encontrado na internet, e diga-lhes que, em pares, eles irão fazer uma divertida sessão de reflexologia na qual descobrirão se seu organismo está equilibrado. Então, com base nos pontos projetados no mapa das mãos, eles exercerão pressão nas mãos uns dos outros e irão fazer uma marcação em cada ponto que sentirem dor. Com base nos pontos que foram marcados, o aluno que está na posição de terapeuta faz uma leitura do que aquelas marcas podem significar, ou seja, o terapeuta se transforma em cigano e propõe uma leitura divinatória da sorte. Depois, eles trocam de posição. Diz a BNCC (p. 70) que o “tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão”, a partir disso, a necessidade de “fazer apreciações e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas, entre outras, envolvidas na leitura crítica de textos verbais e de outras produções culturais”, como essas que selecionamos para a atividade: quiromancia e reflexologia, duas formas mais alternativas de chegar ao conhecimento.



Evidentemente, essa é uma brincadeira descontraída em que se estimula o contato entre os alunos e, principalmente, o respeito pelo corpo do outro, tanto o corpo físico como o afetivo, porque estamos falando sobre os sonhos e desejos desses jovens. Essa atividade, antes de tudo, pretende a formação do leitor-fruidor e, para isso, segundo a BNCC (p. 155), leva em conta “o desenvolvimento de habilidades, a vivência de experiências significativas e aprendizagens que, por um lado, permitam a compreensão dos modos de produção, circulação e recepção das obras e produções culturais”. Portanto, é mister promover “conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades” (p. 69).

## **Atividade de pós-leitura**

Ao final da leitura do livro, agora estimulados pelo sonho do narrador de Bartolomeu Campos de Queirós, propõe-se uma atividade na qual os alunos construirão uma Cartografia do Imaginário Onírico da classe. Essa cartografia será uma produção conjunta feita com o agrupamento de textos individuais da seguinte forma: cada aluno deverá escrever uma narrativa breve, na qual narre um sonho em que apareçam personagem, tempo e espaço. Essas narrativas seguirão uma estrutura fixa quanto ao começo e ao fim: elas devem iniciar com a frase “Depois que eu saí do buraco”, e finalizar com “Então eu caí num buraco”. Esse procedimento vai permitir que se construa uma trama sequencial ao modo de um sonho dentro do sonho, ou seja, uma narrativa acumulativa com camadas sobre camadas de informações, fatos e cenas, avançando e sendo interrompida para recomeçar novamente e voltar ao início.

A escrita da narrativa deve ter os requisitos de ser breve (metade de uma folha de caderno), dinâmica e possuir um (ou mais) elementos estranhos que quebrem a lógica formal e a aproxime da atmosfera onírica. Também é imprescindível revisar a escrita dos textos junto com os alunos, orientando-os sobre os procedimentos para revisão: verificar ortografia, pontuação, coerência e coesão textual. Ao final, elas devem ser passadas a limpo, utilizando canetas de cores diferentes, e coladas em papel de bobina para que possa ser enrolada e desenrolada em diálogo com as linhas da ilustração de 9LI.

Essas etapas estão diretamente relacionadas às habilidades: EF69LP08, EF69LP49 e EF69LP51 da BNCC.

Além do mais, o projeto como um todo está em consonância com as competências específicas 2 e 3 de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental inscritas na BNCC (p. 85), que podem ser consultadas no final deste Manual.

# ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

## Geografia

**Unidade temática:** Mundo do trabalho; Formas de representação e pensamento espacial

**Objetos de conhecimento:** Transformação das paisagens naturais e antrópicas; Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras; Mapas temáticos do Brasil

**Habilidades:** EF06GE06; EF06GE07; EF06GE08

Diz a BNCC (p. 357) que “Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas também de outras áreas (como Matemática, Ciência, Arte e Literatura). Essa interação visa à resolução de problemas que envolvem mudanças de escala, orientação e direção de objetos localizados na superfície terrestre, efeitos de distância, relações hierárquicas, tendências à centralização e à dispersão, efeitos da proximidade e vizinhança etc.”.

Nesse sentido, propõe-se que o professor de Geografia inspire-se na ilustração feita a partir de linhas pelo artista 9LI para criar um Mapa dos Caminhos da Leitura, que funcionará da seguinte forma: o professor colará um mapa da cidade, ou de sua região, caso seja uma cidade muito grande, em uma placa de isopor e, junto com os alunos, marcará com um alfinete de cabeça colorida a localização da escola bem como de outros pontos estratégicos e funcionais, como posto de saúde, igreja, outras escolas, shopping etc. Depois, os alunos terão de marcar o seu bairro com alfinetes também coloridos. Feito isso, cada aluno, com o auxílio de linhas coloridas, irá refazer o seu trajeto, ou seja, do bairro onde mora até a escola, ligando os pontos pelo qual passa.

Esse mapa deverá ficar exposto na sala de aula e, a partir dele, promover uma discussão sobre localização e mudanças na urbanização e no trajeto que fazem diariamente.

## Arte

**Unidade temática:** Artes visuais

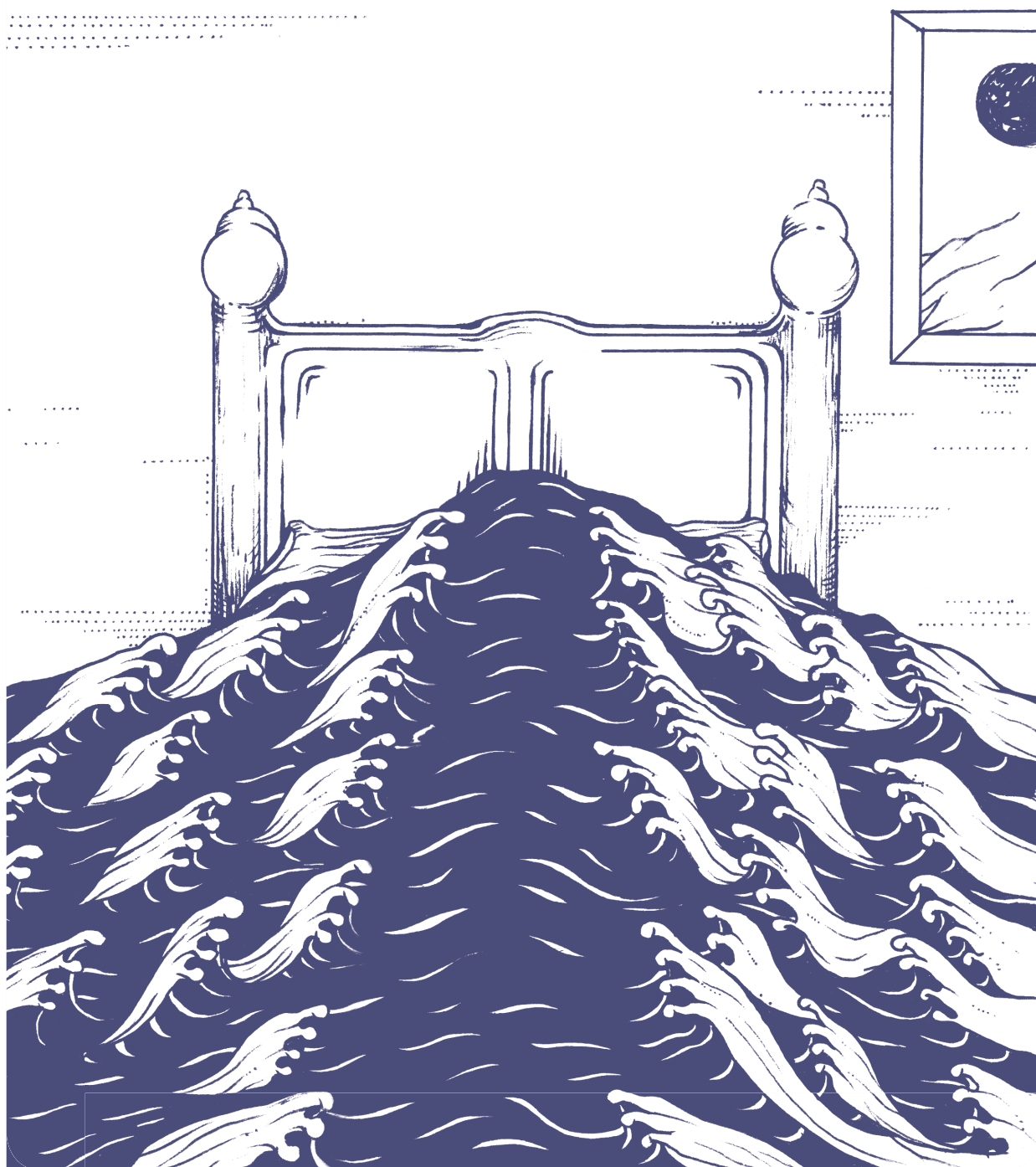
**Objetos de conhecimento:** Contextos e práticas; Elementos da linguagem

**Habilidades:** EF69AR01; EF69AR02; EF69AR04

A BNCC (p. 203) diz: “espera-se que o componente Arte contribua com o aprofundamento das aprendizagens nas diferentes linguagens – e no diálogo entre elas e com as outras áreas do conhecimento –, com vistas a possibilitar aos estudantes maior autonomia nas experiências e vivências artísticas”. Com base nisso, propõe-se partir das ilustrações do livro *Elefante* para um estudo pormenorizado dos elementos visuais: ponto, linha, forma e cor. Seria interessante apresentar trabalhos de artistas contemporâneos como 9LI, sem se esquecer de mencionar o retorno do bordado agora com a intencionalidade de

uma volta à ancestralidade. Se o professor souber bordar, também poderia ser feito um trabalho nesse sentido de habilitar o aluno para o uso criativo das mãos.

Outro conteúdo interdisciplinar com o livro é o estudo de pintores surrealistas que se basearam nos sonhos para construir suas obras, como o catalão Salvador Dalí (1904-1989) e o belga René Magritte (1898-1967).



# BNCC E REFERÊNCIAS

## Consultando a BNCC

Apresentamos neste material uma abordagem metodológica capaz de contribuir para o alcance dos objetos de conhecimento e respectivas habilidades dispostos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), visando ao desenvolvimento dos educadores e estudantes.

Assim, destacamos a seguir as competências e habilidades constantes na BNCC que serviram de apoio para a abordagem dessa obra literária.

### Competências Específicas de Língua Portuguesa (p. 85)

- (1) Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- (2) Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
- (3) Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- (9) Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

### Habilidades referenciadas

- (EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta. (p. 141)
- (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (p. 155)
- (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo

e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo. (p. 157)

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor. (p. 157)

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário. (p. 157)

(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (p. 205)

(EF69AR02) Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço. (p. 205)

(EF69AR04) Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas. (p. 205)

(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. (p. 383)

(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades. (p. 383)

(EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. (p. 383)

Fonte: Brasil (2017).

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: ME, 2017. Disponível em: <[basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base)>. Acesso em: 5 jul. 2018.

CORTÁZAR, J. Alguns aspectos do conto. In: *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DOSSIÊ Bartolomeu Campos de Queirós. *Palavra*. Ano 4, n. 3, jul. 2012. Disponível em: <[http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/e518f891-c00b-4008-9cec-dc7363d572ba/Palavra\\_2012.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=e518f891-c00b-4008-9cec-dc7363d572ba](http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/e518f891-c00b-4008-9cec-dc7363d572ba/Palavra_2012.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=e518f891-c00b-4008-9cec-dc7363d572ba)>. Acesso em: 5 jul. 2018.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

PAIXÃO, Fernando. Poema em prosa: problemática (in)definição. *Revista Brasileira*, 75, II, 2013, p. 152. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/Revista%20Brasileira%2075%20-%20PROSA.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: *O corvo de E. A. Poe*. São Paulo: Expressão, 1986.

SERRA, Elizabeth D'Angelo (Curadoria). Exposição: Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora. 2012. Disponível em: <[http://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/files/Exposi%C3%A7%C3%B5es%20sistema/Bartolomeu\\_Uma\\_inquietude\\_Encantadora.pdf](http://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/files/Exposi%C3%A7%C3%B5es%20sistema/Bartolomeu_Uma_inquietude_Encantadora.pdf)>. Acesso em: 5 jul. 2018.

